

RESENHA

FOUCAULT AND THE HUMAN SUBJECT OF SCIENCE, DE GARÐAR ÁRNASON⁵⁶

*Jonas Muriel Backendorf*⁵⁷

Uma das mais importantes tarefas da filosofia é apontar para as conexões existentes, mas nem sempre percebidas, entre os diversos âmbitos do conhecimento. O sucesso na execução dessa tarefa é tanto maior quanto mais concretamente consegue, quem a pratica, unir a necessidade de ampliação do pensamento com a profundidade da compreensão. O exercício arqueológico, nesse sentido, conforme concebido por Foucault, é uma filosofia por excelência, na medida em que não apenas aponta para aquilo que as diversas áreas do conhecimento ignoram umas em relação às outras, mas, principalmente, porque procura perscrutar aquilo que em nenhum desses âmbitos está aparecendo claramente. Seu objeto, desse modo, são sobretudo os pressupostos inconscientes das construções de conhecimento, isto é, os pressupostos não assumidos, os quais não dizem respeito ao conjunto específico de regras e práticas próprias a cada área do conhecimento, mas àquilo que, tomado no mais amplo sentido, caracteriza a racionalidade de uma época; permite separar os discursos que fazem “sentido” daqueles que não o fazem; delimita quem (e por que) preenche os pré-requisitos para falar com “legitimidade” sobre um assunto.

Alguém pode questionar se não é presunção demais sugerir, como faz Foucault, que um intelectual, para fazer jus à tarefa arqueológica, deva “ler tudo, estudar tudo”, de modo a “ter à disposição o arquivo geral de um período”⁵⁸. Aqui está outra virtude do pensamento de Foucault. Se essa tarefa é ambiciosa demais, não significa que perca, por conta disso, sua relevância. Os pressupostos que influenciam nossas concepções de verdade estão aí e a questão não é decidir se devemos observá-los ou não, mas como enriquecer tal observação. Foucault jamais quis fornecer um modelo pronto de pensamento ou uma explicação

⁵⁶ Resenha do livro de ÁRNASON, Garðar. *Foucault and the Human Subject of Science*. Cham: Springer, 2018, 117p.

⁵⁷ Doutorando no curso de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail de contato: jonasb90@hotmail.com.

⁵⁸ FOUCAULT *apud* ÁRNASON, Garðar. *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 7.

completa sobre o que quer que fosse. Sua própria trajetória intelectual, como ele mesmo diz repetidas vezes, é um exercício de transformar e ampliar as próprias barreiras de pensamento. “Sou um experimentador, não um teórico”⁵⁹. Seu trabalho pode ser visto como “uma caixa de ferramentas”⁶⁰, que não contém, por óbvio, todas ou as melhores ferramentas, mas que sem dúvida contém as que o autor, enquanto intelectual engajado, pode conquistar e comunicar.

O livro de que aqui me ocupo carrega as virtudes do trabalho filosófico e do intelectual engajado de modo exemplar. Seu autor não apenas apresenta o pensamento arqueológico de Foucault em seus mais fundamentais aspectos, mas também o desenvolve e o aplica a dois casos um tanto exóticos, e, também por isso, valiosos para a compreensão das teias relacionais entre a ciência, como a mais crível portadora do discurso “verdadeiro”, e os sujeitos, como objetos e alvos dos “efeitos de poder” dessa compreensão descalibrada da ideia de verdade. O autor se utiliza de dois estudos científicos i) sobre os canhotos, ii) sobre os islandeses. Ao fornecer uma abordagem própria sobre os pressupostos subjacentes aos estudos desses dois grupos, Árnason atualiza a aplicabilidade do método arqueológico de Foucault e evidencia como mesmo naquilo que à primeira vista parece pouco relevante do ponto de vista ético e político (como se vê mais precisamente no caso dos canhotos), questões profundas sobre poder e manipulação se manifestam de modo tão vivo quanto em qualquer outro dos assuntos em que esses componentes aparecem mais explicitamente (como se vê no caso dos estudos feitos com grupos historicamente oprimidos).

Árnason atua como pesquisador do Institute of Ethics and History of Medicine da Universidade de Tübingen (Alemanha), e exerceu a mesma atividade nas universidades de Manchester, Helsinki e Hannover. Conta com mais de duas dezenas de importantes publicações, majoritariamente sobre os aspectos éticos e políticos do fazer científico.

Foucault and the Human Subject of Science é estruturado em cinco capítulos (incluindo a introdução) mais uma conclusão. Essa estrutura pode ser adequadamente dividida em duas partes: a primeira (composta pelos capítulos um, dois e três), expõe o trabalho arqueológico de Foucault sob diferentes recortes. A segunda (composta pelos capítulos quatro e cinco), traz os já mencionados estudos de caso desenvolvidos pelo autor a partir da base teórica foucaultiana. O objetivo de Árnason ao escrever o livro, em suas próprias palavras, foi “oferecer uma maneira de resistir à ciência, questionando exatamente os discursos da verdade e seus efeitos de poder”⁶¹. Antes que o leitor seja dominado por impressões negativas, entretanto, o autor esclarece:

Pode parecer que um projeto que quer nos ajudar a resistir à ciência esteja minando a ciência; um tal projeto pode parecer decididamente anti-ciência. Certamente não é isso que precisamos em tempos de negação das mudanças climáticas, recusa de vacinas e anti-intelectualismo de populistas de direita. Como um tipo de crítica

⁵⁹ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 3.

⁶⁰ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 7.

⁶¹ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 1.

científica, no entanto, este projeto não é mais anti-ciência do que a crítica literária é anti-literatura. O tipo de análise que estou propondo leva a ciência muito a sério.⁶²

O capítulo introdutório traça um panorama geral da obra, enfatizando o modo como a ciência, apesar de vender a si mesma (com elevado sucesso) como reveladora de verdades isentas e neutras, é necessariamente carregada de relações de poder que eliminam sua pretensa neutralidade. Árnason apresenta a sua empreitada como uma “política da verdade”, uma contribuição para a crítica, em termos foucaultianos, ao mesmo tempo dos mecanismos de poder que subjazem o fazer científico e dos poderes que esse fazer exerce, imperceptivelmente, sobre a vida dos sujeitos por ele afetados. Muito mais do que “atacar o mensageiro”, fazer uma tal crítica da ciência é, portanto, esforçar-se no sentido de compreender o que está nas entrelinhas da atividade científica e evidenciar que não há uma “mensagem verdadeira” em termos transcendentais e neutros.⁶³

O capítulo dois, “Foucault’s Archaeology of Knowledge”, discute os modos pelos quais se manifesta a abordagem arqueológica no pensamento de Foucault, desde suas primeiras sondagens até suas aplicações mais avançadas, como vemos nos estudos sobre loucura. De acordo com Árnason, a abordagem arqueológica de Foucault é mais ricamente encontrada em *Les mots et les choses (As Palavras e as Coisas)*, de 1966, sendo a posterior *L’Archéologie du Savoir (Arqueologia do Saber)*, de 1969, menos voltada para a abordagem prática, uma obra “abstrata e salpicada com terminologia inventivamente gratuita”⁶⁴. Por esse motivo, a exposição de Árnason é centralizada na primeira. De acordo com o autor, abordar o conhecimento arqueologicamente é perscrutar a realidade que tornou um conhecimento possível. Influenciado, neste ponto, pela postura kantiana, Foucault estaria, desse modo, lidando com o “*a priori* histórico” do conhecimento.⁶⁵ Há, nesse sentido, um conjunto de pressupostos subjacentes, de condições de raciocínio e pensamento, bem como de possibilidade para os enunciados e discursos, que estão por trás e na base de toda formulação de verdade. A diversidade de teorias científicas, portanto, deve ser entendida como uma variação superficial, que se distingue da estrutura mais geral, que Foucault define como “episteme”, que a subjaz. A episteme “não determina o que é verdadeiro ou falso, mas o que pode ser verdadeiro ou falso”.⁶⁶

Um trabalho intelectual que leve a sério a ideia de arqueologia de Foucault deve, portanto, dar conta não apenas daquilo que se manifesta nos discursos científicos, mas, principalmente, daquilo que está oculto, “inconsciente”⁶⁷ em um dado contexto. Essa esfera oculta envolve toda sorte de regras e critérios que legitimam a elaboração de conhecimento; “assim como a definição de uma unidade de comprimento é necessária para a prática de medir o comprimento, algumas regras podem ser necessárias para que haja conhecimento”⁶⁸, e essas regras variam com o tempo: não têm, portanto, nenhum *télos* ou pureza abstrata que

⁶² ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 2.

⁶³ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 2.

⁶⁴ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 7.

⁶⁵ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 10.

⁶⁶ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 11.

⁶⁷ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 10.

⁶⁸ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 11.

permita isolá-las das variações contextuais e históricas.⁶⁹ Da mesma forma, as variações e quebras nos discursos de verdade não representam, como geralmente se pensa, um movimento progressivo da irracionalidade para a racionalidade, assim como não podem ser atribuídas a um agente definido, consciente e orquestrador: são fruto de “um alinhamento incidental de várias estratégias e planos, de necessidades e ações locais [...] contingentes e aleatórios”.⁷⁰

Na esteira das variações históricas dos discursos de verdade, *As Palavras e as Coisas* registra duas grandes quebras de episteme na cultura ocidental. A primeira, que teria ocorrido no séc. XVII, separa o pensamento renascentista do assim chamado “período clássico”; a segunda, datada do início do séc. XIX, marca a transição do período clássico para a modernidade. Basicamente, o que determina tais quebras é a mudança nas regras que organizam e estruturam o conhecimento, bem como o modo como a linguagem e os símbolos são produzidos e interpretados.⁷¹ Central nessas quebras é o surgimento, no período “moderno”, do sujeito como objeto de conhecimento. “Na era clássica, o homem era o sujeito que conhecia, mas não um dos muitos objetos a serem conhecidos.”⁷² Ao mesmo tempo, tem-se, nos nossos dias, a partir de tal interpretação, a necessidade de lidar com o fato de que “as ciências humanas e seu conhecimento do homem são contingentes e podem desaparecer como na moda do ano passado”⁷³

O capítulo três, “Power, Knowledge, and the Politics of Truth”, que aparece como um pano de fundo para os dois estudos de caso que Árnason desenvolve nos capítulos finais, lida detidamente com a questão do poder, buscando evidenciar o modo como a relação entre conhecimento, políticas de verdade e poder é inescapável – não apenas nas ciências humanas, que foram o foco dos desenvolvimentos de Foucault, mas também nas ciências naturais. O autor procura demonstrar a centralidade que o problema do poder passou a ocupar no pensamento de Foucault nas obras *Surveiller et punir* (Vigiar e Punir), de 1975, e *Histoire de la Sexualité* (A História da Sexualidade), de 1976. Em ambos os casos, conhecimento e poder estão claramente imbricados. Uma primeira distinção fundamental a respeito disso é a que trata da própria definição de poder: para Foucault, o poder não se resume a relações verticalizadas e definidas entre uma parte que manda e outra que é mandada; o poder é “horizontal, difuso, dinâmico, ativo e criativo”⁷⁴, isto é, está mais para uma rede que se estende por todos os âmbitos da esfera social. “Ninguém possui poder, mas todos o exercitam”.⁷⁵ Árnason critica, em um passo que talvez pudesse ser definido como preciosismo conceitual excessivo, que, diferentemente do que sugere o próprio Foucault, tal noção de poder é apenas parcialmente nietzschiana:

A noção de poder de Nietzsche é *fisiológica*, no sentido de que sempre tem a ver com a natureza, condição e saúde de um ser vivo. O poder de Foucault é *relacional*, no

⁶⁹ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 12.

⁷⁰ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 35.

⁷¹ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 14.

⁷² ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 22.

⁷³ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 22.

⁷⁴ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 32.

⁷⁵ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 32.

sentido de que sempre tem a ver com as relações de alguém com os outros ou consigo mesmo, tem o efeito de restringir o pensamento, a ação e até o ser (isto é, afetar o que se pode fazer, o que se pode pensar e o que se pode ser).⁷⁶

Árnason destaca dois modos centrais pelos quais se manifestam as relações de poder e conhecimento: o primeiro diz respeito ao modo como os discursos de verdade geram definições específicas, rotulações e classificações arbitrárias sobre quem é o ser humano (algo que impacta diretamente na concepção daquilo que *pode ser*); o segundo é o biopoder, que envolve sobretudo o controle daquilo que pode e não pode ser dito dentro da esfera do que “faz sentido” (e que impede, por exemplo, que o falante seja automaticamente rotulado como um charlatão ou mesmo como um louco), em termos difusos que acabam por institucionalizar tal concepção em ambientes dotados de autoridade como a universidade e os laboratórios de pesquisa.⁷⁷ A relevância e necessidade, típica de um contexto social específico de disciplinamento, otimização de capacidades, aproveitamento das forças, ênfase na utilidade econômica etc. são um exemplo de fontes “inconscientes” do esforço, posteriormente visto como “científico” e “neutro” por conhecer a fundo o ser humano como um verdadeiro objeto de pesquisa. Essa relação se manifesta, por exemplo, na questão do encarceramento, que do ponto de vista superficial parece uma clara demonstração de progresso e “humanização” nas práticas penais, mas na verdade constitui simplesmente um modo de tornar o castigo mais “eficaz e útil para a gestão da população”.⁷⁸

Um novo sistema de poder (em palavras-chave: difuso, sutil e eficiente, em vez de direto, bruto e ineficiente) exigia uma nova maneira de pensar sobre crime, punição e criminosos. Agora era necessário conhecer não apenas o ato criminoso, mas também os próprios criminosos e delinquentes, a fim de puni-los, corrigi-los e discipliná-los.⁷⁹

O capítulo quatro, “Left-Handers as Subjects of Science”, abre os aspectos de maior originalidade da obra de Árnason: apresenta o primeiro dos dois estudos de caso em que o autor interpreta, lançando mão do método crítico de Foucault, questões atuais, envolvendo os conflitos entre poder, conhecimento e verdade. Com o objetivo de evidenciar o modo como concepções sociais, políticas e econômicas (“pré-científicas”, mas que não precisam, necessariamente, ser definidas como uma *episteme*)⁸⁰ contaminam os discursos de verdade científicos, o autor traça, no caso dos canhotos, uma linha que vai desde as concepções mitológicas sobre pessoas que usam a mão esquerda (concepções que associam, p. ex., o lado esquerdo ao “diabólico”, “aberrante”, “maligno”, etc.)⁸¹ até os estudos estatísticos que pretendem demonstrar objetivamente que tais pessoas vivem menos do que os destros. Segundo Árnason,

⁷⁶ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 33.

⁷⁷ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 43.

⁷⁸ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 35.

⁷⁹ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 38.

⁸⁰ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 60.

⁸¹ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, pp. 60-65.

[...] essa preocupação histórica está intimamente relacionada a das arqueologias de Foucault, em particular sobre a existência de condições e restrições históricas necessárias para a produção de conhecimento científico. [...] procuro demonstrar a arbitrariedade do conceito científico de canhoto e a contingência histórica do conhecimento científico, tal como ele se constitui, sobre canhotos.⁸²

É ao mesmo tempo curioso e em certo sentido revoltante perceber como um conceito como o de “canhoto”, para o qual não se tem uma explicação sequer próxima de receber o título de “conclusiva”, é tomada arbitrariamente como objeto de estudo e, adicionalmente, dados estatísticos limitados são manipulados de modo a gerar uma espécie de confirmação previamente almejada. Isso se verifica na postura típica e lastimável, por parte de cientistas como Stanley Coren (um dos mais engajados na tese da vida mais curta dos canhotos), que baseia suas afirmações conclusivas, mesmo que a partir de bases claramente limitadas, na sua autoridade científica, desacreditando críticos por não serem cientistas e por supostamente não falarem a partir do local adequado: os laboratórios.⁸³

Como ser destro é a norma, presume-se que quando tudo dá certo no desenvolvimento neurológico de uma criança, ela se torna destra. Se algo der errado, pode resultar canhota. Muitos cientistas, entre eles Stanley Coren, acreditam que alguns casos de canhotos são patológicos dessa maneira. Coren postulou incansavelmente que a mão esquerda é um marcador para uma variedade de doenças e anormalidades, argumentando que, se algo der errado no desenvolvimento neurológico para que uma pessoa se torne canhota, é muito provável que outra coisa esteja errada também.⁸⁴

De uma necessidade social de lidar com o “problema” dos canhotos (sobretudo nas escolas e demais ambientes de formação), passando pela demanda, típica da época, por “respostas científicas”, bem como por informação economicamente útil (se os canhotos são “especiais”, há um enorme nicho mercadológico a ser explorado), até o viés de confirmação dos canais de divulgação (revistas científicas, jornais e programas televisivos), todas as etapas desse processo evidenciam um enorme conjunto de pressupostos sustentando uma noção de “verdade científica” que, estritamente falando, é tudo menos científica (no sentido neutro e objetivo que emana da nossa imagem de ciência).⁸⁵ A reação de revolta que se sente ao tomar conhecimento dos mínimos detalhes de um tal assunto constitui precisamente um dos aspectos que demarcam a relação de poder envolvida em tal modelo de estudo: os sujeitos enquadrados nesse grupo, alvos das conclusões estereotipadas da “verdade” científica, resistem à pesquisa e podem fazê-lo, sugere Árnason, de modo mais consistente a partir de abordagens críticas como a que o autor apresenta.

⁸² ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 60.

⁸³ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 73.

⁸⁴ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 69.

⁸⁵ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, pp. 65-70.

O capítulo cinco, “Icelanders as Subjects of Science”, segue roteiro semelhante ao capítulo anterior. Inicia apontando como visões pré-científicas sobre islandeses, como as histórias (em parte verdadeiras, em parte mitológicas) sobre a história da população do país, bem como interesses supostamente científicos (que em verdade estiveram sempre calcados no raciocínio de que era preciso acompanhar os avanços da era tecnológica) acabaram por levar à execução de um projeto de catalogação e armazenamento amplo e universal de informações privadas e íntimas dos habitantes do país. Neste segundo caso, a noção de biopoder de Foucault se manifesta vivamente: graças a um discurso socialmente convincente de “revolução genética”, chegou-se a uma realidade em que a população inteira de um país se tornou cobaia, “literalmente, em uma população totalmente informativa de animais de laboratório”⁸⁶, para o benefício da “ciência” e da “economia”.⁸⁷

Os principais aspectos, do ponto de vista crítico, deste caso são elencados pelo autor da seguinte maneira: i) confidencialidade dos dados privados (uma única empresa, que coletaria e armazenaria os dados, aparece como “garantia” de seu uso apenas para fins “legítimos”); ii) consentimento “presumido” dos envolvidos (que, para boa parte das informações, incluindo dados de saúde, devem se manifestar, enviando um formulário específico, para que seus dados não sejam coletados); iii) acesso à informação (a empresa responsável detém os direitos exclusivos de uso dos dados, e uma cláusula específica aponta que a permissão para pesquisas só ocorre se não houver conflito com os interesses comerciais da empresa); iv) discriminação genética (nada impede que, por exemplo, empresas de seguro utilizem tais dados para alterar suas políticas de preço e aprovação de seguros). Eis alguns dos principais aspectos que, segundo os defensores de tal projeto, não interferem no estatuto de verdade e na confiabilidade científica do projeto. Não menos importante é a constatação adicional feita por Árnason: “[a]tualmente, o sistema de saúde islandês é em grande parte público, oferecendo atendimento universal de saúde com taxas moderadas ao usuário, mas a tendência é de privatização.”⁸⁸

Um aspecto digno de destaque neste caso são as semelhanças, segundo Árnason, entre o discurso da “revolução genética” e os discursos eugenistas do início do século passado. A ideia de progresso humano e de aperfeiçoamento do povo islandês - considerado como “o povo mais geneticamente homogêneo do mundo”⁸⁹ (algo que os estudos propriamente genéticos, que são justamente tomados como a autoridade no assunto, não confirmam) –⁹⁰ somada à ideia de uma raça evolutivamente mais forte do que qualquer outra, graças às condições geograficamente difíceis e a uma série de eventos (erupções, pragas e invernos brutais) formula um discurso que compartilha hoje da mesma estrutura lógica de então. O peso ideológico de um tal discurso, segundo Árnason, foi um dos fatores mais decisivos para tornar os islandeses “sujeitos dóceis e felizes da ciência genética”⁹¹. Com relação a isso, o cientista e diretor da empresa que lidera o projeto diz, por exemplo, o

⁸⁶ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 86.

⁸⁷ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 83.

⁸⁸ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 85.

⁸⁹ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 95.

⁹⁰ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 99.

⁹¹ ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 88.

seguinte: “[q]ualquer um que pode mencionar experimentos nazistas e esse banco de dados na mesma frase *não merece morar na Islândia*”.⁹²

O conteúdo de *Foucault and the Human Subject of Science*, por esses motivos (e por outros que apenas uma discussão mais extensa poderia evidenciar), gera uma leitura instrutiva e verdadeiramente interessante. Em parte, é preciso dizer, isso se deve ao sabor do pensamento de Foucault, que constitui a base teórica do livro de Árnason. Mas outra parte não menos significativa se deve ao esforço original de Árnason por avançar na reflexão crítica de Foucault abordando casos concretos e pouco notados pelos críticos da ciência atual. E, mais do que tudo, importa destacar que o autor empreende tal crítica sempre com o cuidado de enfatizar, em vista da obscuridade crescente da nossa época, que sua abordagem não representa um ataque ao fazer científico em si, mas uma forma de avançar no esclarecimento e no alargamento das barreiras desta que é, hoje, sem dúvida, a principal autoridade quando o assunto é a “verdade”.

⁹² STEFÁNSSON, Kári *apud* ÁRNASON, *Foucault and the Human Subject of Science*, p. 89 (nossa ênfase).